

# Dr. James S. Spiegel, Ética Cristã , Sessão 12, Tecnologias Reprodutivas

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre Ética Cristã. Esta é a sessão 12, Tecnologias Reprodutivas.

Certo, a próxima questão que discutiremos são as tecnologias reprodutivas.

Há uma série de questões morais em nosso tempo que surgiram por causa de questões morais que surgem com o desenvolvimento de certas tecnologias. E isso não é mais significativo do que quando se trata de tecnologias reprodutivas. Então, vamos começar com uma visão geral de alguns dos métodos que são usados.

O que antes era conhecido como inseminação artificial agora é geralmente chamado de inseminação intrauterina ou IUI. Esta é a inserção artificial do esperma do homem no útero da mulher. Há a transferência intrafalopiana de gametas, também conhecida como GIFT, onde vários óvulos são extraídos da mulher e então colocados com o esperma do homem nas trompas de falópio da mulher.

Fertilização in vitro, que é um pouco mais conhecida, com FIV, os óvulos são fertilizados em laboratório, e então os embriões que são criados são implantados no útero. Ou em algo chamado ZIFT, os embriões são implantados nas trompas de falópio. Ou os zigotos seriam implantados nas trompas de falópio.

E então, na barriga de aluguel, uma terceira mulher é usada para levar um bebê a termo, o que, por qualquer razão, a outra mulher não pode. A barriga de aluguel é impregnada por meio de IUI ou FIV e então leva o bebê a termo, com o qual ela pode ou não ser geneticamente relacionada, dependendo de quais óvulos são usados. Então, qual deve ser nossa abordagem para essas questões? De acordo com o utilitarista ou o kantiano, precisamos considerar apenas a felicidade futura ou, desculpe, precisamos considerar apenas a felicidade ou o prazer das pessoas envolvidas, que seriam a mãe, o pai, a barriga de aluguel, se estivermos falando sobre barriga de aluguel.

E também podemos levar em conta a felicidade futura ou o prazer por parte do bebê que é criado. No caso da ética kantiana, consideramos a autonomia das pessoas envolvidas, o respeito pelas pessoas, e assim por diante. E podemos universalizar essa prática? Mas, de um ponto de vista cristão, precisamos considerar outras práticas também.

Scott Ray é útil ao fornecer alguns parâmetros morais que valem a pena considerar e várias outras considerações. Uma delas é que a tecnologia médica é um presente. Você sabe, somos portadores da imagem divina.

Somos criativos e inovadores. E uma das coisas que os seres humanos, como portadores da imagem divina, têm a capacidade de fazer é criar todos os tipos de tecnologias. Então, isso é uma bênção de Deus, outras coisas sendo iguais.

As tecnologias podem ser usadas para o bem ou para o mal. E, ao refletirmos moralmente sobre questões como essa, estamos nos esforçando para usar nossas tecnologias para o bem moral, em vez de para o mal. Em segundo lugar, a procriação foi projetada por Deus para ocorrer dentro do contexto de um casamento heterossexual e monogâmico.

Falaremos sobre isso em uma palestra separada. Sexualidade humana, as questões morais que surgem relacionadas à sexualidade humana. Terceiro, a santidade da vida e o status moral do nascituro são considerações importantes.

De um ponto de vista cristão, acreditamos na santidade da vida humana, que toda a vida humana é sagrada porque os seres humanos são feitos à imagem de Deus, nos é dito, em Gênesis 1. E como falamos em nossa discussão sobre o aborto, de um ponto de vista bíblico, a criança não nascida é uma vida sagrada. O princípio da santidade da vida humana se aplica à criança não nascida. Então isso precisa ser mantido em mente.

Em quarto lugar, a adoção é uma alternativa importante a ser considerada em oposição a optar por qualquer uma dessas tecnologias reprodutivas. É algo que é definitivamente uma bênção para milhões de casais que escolhem adotar. É algo muito redentor a se fazer, particularmente quando um casal adota uma criança que de outra forma não seria bem cuidada.

E que em qualquer caso, as crianças são um presente de Deus. Sempre que há a produção natural de uma criança através do ato procriativo, isso é um presente de Deus. É algo que ele faz, especialmente dentro de cada útero quando uma criança é criada.

E, finalmente, a virtude da fé. Esta é certamente uma prova de fé para muitos casais que estão tendo dificuldade para conceber. E é uma oportunidade.

Tenho certeza de que a maioria não vê dessa forma. É um momento em que se pode crescer na fé e confiar na soberania de Deus. É um desafio muito difícil, no entanto, para muitos casais.

Em que ponto devemos desistir, sabe, de lutar para ter nosso próprio filho, seja por meio de tecnologias como essa ou outros meios? Em que ponto devemos simplesmente buscar a adoção ou nos render a Deus que não é a vontade de Deus que tenhamos filhos? O pastor da minha igreja, ou eu sou membro, e ele e sua esposa não conseguiam conceber. Então, em algum momento, eles simplesmente decidiram, bem, não é a vontade de Deus que tenhamos nossos próprios filhos. Por alguma razão, eles decidiram não adotar.

Mas eles se concentraram em outras formas de ministério, acolhendo diferentes estudantes em suas casas, vivendo com eles, e às vezes pessoas de outros países. E eles ministraram dessa forma, e tem sido um ministério muito poderoso para eles. Mas isso pode ser uma prova de fé muito desafiadora.

Aqui estão algumas distinções teológicas católicas romanas que não são necessariamente afirmadas pela maioria dos protestantes, mas certamente vale a pena considerar e levar a sério. Uma delas é essa ideia da unidade entre sexo e procriação. Na tradição teológica católica romana, há uma norma que é reconhecida de que o sexo conjugal deve sempre estar aberto à procriação.

Então não está dizendo que você deve sempre ter a intenção de ter um filho toda vez que fizer sexo. Mas deve haver uma abertura para a procriação, e isso implicaria não tomar medidas para prevenir a procriação que sejam artificiais, usando tecnologias e contraceptivos. Embora algo chamado método do ritmo seja aprovado, e isso é simplesmente por meio do autocontrole, evitando fazer sexo em momentos em que é mais provável que a mulher possa conceber.

Mas há uma conexão muito mais estreita reconhecida e afirmada entre o ato sexual e a procriação na tradição católica romana, que é geralmente o caso com os protestantes. E então, em termos do papel apropriado da tecnologia na tradição católica romana, a tecnologia médica é reconhecida como algo que pode auxiliar a relação sexual normal, mas pode não substituí-la. Então, isso tem implicações para algumas dessas tecnologias reprodutivas.

Aqui estão algumas das questões morais que surgem no contexto de algumas dessas tecnologias reprodutivas. Inseminação intrauterina e fertilização in vitro, assim como GIFT, o uso de medicamentos de ovulação nos casos de GIFT, FIV, mas também às vezes em IUI, representam um risco significativo para altos números de múltiplos, às vezes quatro, cinco, seis bebês sendo produzidos por esses métodos que representam um alto risco para a mãe, assim como para os bebês, e você tem uma incidência maior de perda de vidas das crianças. É uma pergunta difícil, dado que quando, digamos, a fertilização in vitro é feita, é cara.

Você está gastando dezenas de milhares de dólares para isso, e quando você tem esses embriões, então eles têm que ser implantados; esse processo também é caro.

Então, você quer tirar o máximo proveito do seu dinheiro, então esse é o incentivo para inserir um grande número de embriões com a esperança de que pelo menos um implante. Mas através do processo de fertilização in vitro e da produção de todos esses embriões, é rotineiramente o caso de que haverá sobras e embriões que não são necessários porque agora, digamos, o casal passou pelo processo duas, três vezes, e eles não precisam usar os outros embriões que agora estão sendo mantidos em armazenamento refrigerado.

Então, o que fazer com eles? Eles poderiam simplesmente ser destruídos, doados ou armazenados indefinidamente, ou usados para propósitos experimentais, como pesquisa com células-tronco, o que muitas pessoas defendem. A solução financeiramente arriscada aqui é não criar mais embriões do que você está disposto a levar até o termo. Já fui consultado por casais antes sobre isso, e me lembro de um em particular em que me fizeram essa pergunta, sabendo que isso era uma preocupação.

Eles eram um jovem casal cristão, e estavam preocupados com a perspectiva de ter embriões que não fossem usados e, portanto, morressem. Eles acreditam nisso, certo? Essas são pessoas humanas com direito à vida. Então, minha recomendação a eles foi usar quaisquer embriões que eles criaram ou que foram concebidos por fertilização in vitro e implantar todos eles com a intenção de que todos eles se implantassem e chegassem a termo e nascessem.

E eu não sei quantas eles fizeram, mas no total, mas eu sei que é por meio de várias implantações, eles fariam, digamos, cerca de três ou quatro de cada vez, e eles certamente estavam abertos a todas elas serem implantadas. Eles provavelmente teriam terminado com 15 ou 16 crianças se isso tivesse acontecido todas as vezes. Como se viu, foi bem-sucedido, eu acho, três vezes diferentes.

Eles implantaram todos os embriões, então nenhum deles foi deixado em armazenamento refrigerado, e eles não tiveram que se preocupar com o que fazer com os outros embriões que não foram usados porque todos foram usados. E agora eu acho que eles têm cerca de quatro filhos. Talvez seja uma família maior do que eles teriam pretendido de outra forma, mas era a convicção deles que, por respeito à santidade da vida humana, é isso que faremos, mesmo que isso signifique ter oito ou nove filhos.

Então, essa é uma abordagem que eu recomendei de forma um tanto hesitante. Alguns pró-vida nem iriam tão longe, e evitariam o uso desse método completamente. Mas essa é a abordagem que eu recomendei.

Agora, com relação à barriga de aluguel, isso é muito mais problemático. Quando você envolve uma terceira parte no processo de reprodução, aqui estão alguns argumentos padrão contra a barriga de aluguel. Um é que ela é exploradora, que

transforma bebês em mercadoria porque geralmente é feita com fins lucrativos, onde a barriga de aluguel recebe uma certa quantia, até mesmo trinta e quarenta mil dólares, para levar esse bebê até o fim.

Isso não seria o caso em situações em que, digamos, a mulher que não consegue levar o bebê a termo pediu para sua irmã ser a barriga de aluguel. Muitas vezes isso acontece em famílias assim. Então você não tem essa preocupação com lucro ou motivo aí, mas onde isso está envolvido, então você tem essa preocupação com exploração que eu acho que é significativa.

Um segundo argumento é que a barriga de aluguel transforma um vício em virtude ao sancionar o distanciamento da mulher de seu corpo. Então, algumas leis serão realmente escritas de tal forma a se referir às barrigas de aluguel como incubadoras humanas. Normalmente seria entendido como um vício por parte de uma mãe estar emocionalmente desligada de seu filho, mas é exatamente isso que se quer neste caso, para que a barriga de aluguel desista prontamente desta criança que ela acabou de dar à luz.

Então, uma prática que transforma um vício em virtude ou considera um vício como virtude não é moralmente suspeita por esse motivo? Em muitos casos, a barriga de aluguel muda de ideia e se apega tanto à criança emocionalmente que não quer desistir dela, e isso pode criar e criou muitos conflitos e complicações nos casos de barriga de aluguel. Isso leva a outra questão. Quais direitos, se houver, devemos reconhecer que a barriga de aluguel tem em relação ao seu bebê? Isso não é fácil de descobrir.

Fica muito complicado. E você tem, novamente, os vários problemas práticos relacionados a isso, incluindo o sofrimento emocional, mesmo que ela decida entregar o bebê. Isso, em alguns casos, tem um efeito emocional negativo duradouro.

Então aqui estão algumas perguntas finais que podemos fazer. Os católicos romanos podem ter estado corretos o tempo todo que o problema está na forte separação entre sexo e procriação? Os casais devem estar sempre abertos à possibilidade de concepção por esse motivo? No mundo protestante, entre os evangélicos, as coisas mudaram drasticamente nos últimos 50 ou 60 anos, particularmente com o advento da pílula anticoncepcional, que, quando a pílula anticoncepcional foi colocada no mercado pela primeira vez no início dos anos 1960, li que cerca de 95% dos evangélicos eram contra, o que é interessante porque agora os números provavelmente seriam invertidos. A grande maioria dos evangélicos ficaria bem com a pílula anticoncepcional, e isso mostra o quanto essa prática em particular impactou as perspectivas na comunidade evangélica.

Mas, evidentemente, muito mais evangélicos nos anos 60 reconheceram um tipo de conexão natural entre sexo e procriação que a ideia de uma pílula anticoncepcional era, você sabe, contraditória. E é verdade com muitas coisas, certo, que são meio que desenvolvimentos culturais que são chocantes no começo, e então tendemos a nos acostumar com a ideia. Eu sei que o maiô biquíni foi introduzido na mesma época, e isso foi um escândalo entre os cristãos, basicamente apenas colorir roupas íntimas e então apresentá-las como trajes de banho legítimos, e agora você não ouve muitas reclamações sobre biquínis.

Então, podemos nos acostumar com as coisas e, por essa razão, perder qualquer tipo de escrúpulo moral quando, pelo que sabemos, elas realmente são moralmente problemáticas. Outra pergunta: em que ponto os custos financeiros e emocionais de lidar com problemas de fertilidade são proibitivos? O que os casais devem fazer, ou quando os casais devem recorrer à adoção? Em que ponto você simplesmente diz, isso é realmente muito arriscado, muito caro, vamos adotar. Claro, a adoção se torna muito cara normalmente.

Então, em que ponto os compromissos financeiros são muito grandes? E quando o custo de qualquer um desses pode sugerir que é realmente a vontade de Deus que, você sabe, o casal não tenha filhos ou não tenha mais filhos? Eu sei que no caso do meu pastor, tenho certeza de que as dimensões financeiras ou, você sabe, considerações importantes foram importantes na decisão deles de finalmente chegarem à conclusão de que era a vontade de Deus que eles não tivessem filhos. Outra pergunta que podemos fazer é: mudamos em nossa sociedade da visão das crianças como uma bênção do Senhor para uma que as vê mais como um fardo ou um direito? Entre muitos pró- escolha, há uma visão predominante, pelo menos em muitos casos, de que as crianças são um fardo. Eu estava em uma conferência há muitos anos, onde um artigo estava sendo apresentado sobre o aborto, e na discussão que se seguiu, uma mulher na plateia comparou a concepção a um acidente de trânsito.

Se ela descobrisse que concebeu uma criança, ela veria isso como algo comparável a, você sabe, um acidente de trânsito, o que me fez pensar sobre o que ela diria sobre minha própria concepção como resultado de um espermicida que falhou. Eu sou o equivalente ao produto de um acidente de trânsito, você sabe, em termos de sua perspectiva psicológica. Mas isso seria ver as crianças como um fardo, o parto e a concepção como um fardo.

Aqueles que veem as crianças como um direito assumem, você sabe, uma perspectiva muito diferente, e essa é uma atitude comum também, e isso impacta um tipo de atitude talvez acrítica em relação a muitas dessas tecnologias reprodutivas que precisam ser reconsideradas também. Então, mesmo nossas atitudes como sociedade ou como cristãos individuais em relação ao parto e como devemos vê-lo têm implicações significativas para como abordamos essa questão das

tecnologias reprodutivas.

Este é o Dr. James S. Spiegel em seu ensinamento sobre Ética Cristã. Esta é a sessão 12, Tecnologias Reprodutivas.